

Internacionalização das universidades: a necessidade de navegar em águas estrangeiras*

Alessandro Wasum Marianiⁱ, Paulo Manuel Pêgo-Fernandesⁱⁱ, Marcos Naoyuki Samanoⁱⁱⁱ

Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP)

Universidades de todo o mundo estão cada vez mais interessadas em propagar e receber conhecimento não somente para fora de seus muros, mas também para fora de suas fronteiras. Esse fenômeno de intercâmbio entre instituições de diferentes países ficou conhecido como internacionalização e é apontado por muitos como de suma importância ao desenvolvimento pleno do ensino.

A aproximação entre pesquisadores e formadores de conhecimento de diversas partes do mundo é extremamente benéfica, pois possibilita não somente a troca de experiências, servindo de ajuda mútua com economia de tempo e recursos no desenvolvimento de projetos já em andamento, mas também serve como impulso à promoção e desenvolvimento de ideias completamente novas provenientes desses encontros.

Para muitos, a internacionalização das universidades é, de certa forma, uma volta às origens. Conforme colocado por Krawczyk: “É possível observar que, originalmente, no período medieval, a universidade tinha forte caráter internacional e que, como consequência da construção dos Estados nacionais modernos, sofreu um processo de nacionalização.”¹ Todavia, os objetivos e os instrumentos pelos quais esse processo retoma sua importância são sensivelmente diferentes.

A motivação para essa atual fase de internacionalização tem relação estreita com o conceito criado por Slaughter e Leslie e chamado de “capitalismo acadêmico”, no qual pesquisadores e administradores universitários são induzidos a participar de ambientes cada vez mais competitivos para captação de recursos de quaisquer natureza.¹

A tecnologia da informação tem cumprido o papel de instrumento para reduzir as distâncias entre as instituições e as pessoas envolvidas, por meio do uso de ferramentas simples e baratas, como a troca de e-mails, ou de ferramentas mais complexas e de custo elevado, como a realização de teleconferências com diversos pontos participantes. Todavia, o contato real com a promoção de encontros ou visitas de um determinado pesquisador a outro centro ainda são fundamentais nesse processo.

Esse é um cenário em que as universidades brasileiras ainda atuam discretamente. Porém, diversas são as iniciativas que denotam uma clara mudança de postura, buscando a inserção de nossas universidades no contexto internacional.

Um bom exemplo é o recente fórum promovido pela Andifes (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior) versando especificamente sobre a internacionalização. Nesse fórum foram discutidas as nuances desse processo bem como apresentadas algumas propostas para a internacionalização das universidades federais. Além dos representantes das universidades, participaram desse debate representantes do Ministério das Relações Exteriores, do Ministério da Educação, do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação e do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), entre outros.

Vale citar também uma importante iniciativa por parte do Governo Federal: a criação do Programa Ciências sem Fronteiras, que prevê a criação de 100 mil bolsas para intercâmbio de alunos de graduação e pós-graduação, além de recursos para atrair pesquisadores do exterior que queiram se fixar no Brasil ou estabelecer parcerias com pesquisadores brasileiros.

Não só as universidades federais trabalham para a internacionalização. Na Universidade de São Paulo (USP), a Vice-Reitoria Executiva de Relações Internacionais (VRERI) foi instituída para intensificar, estimular e apoiar as ações de internacionalização, e é o órgão da administração que atua de forma transversal, auxiliando pró-reitorias e unidades de ensino e pesquisa nesse quesito. A USP mantém convênios firmados com mais de 50 instituições de todo o mundo. Contudo, somente neste último ano, algumas ações mereceram destaque, como a participação no programa federal Ciências sem Fronteiras, o programa de bolsas de intercâmbio para alunos de graduação e o de bolsas para alunos de universidades estrangeiras, que concederá 50 bolsas a alunos latino-americanos. Com o intuito de realizar parcerias em pesquisa de ponta, merecem destaque algumas iniciativas, como a criação da University

*Este artigo foi publicado na versão em inglês no periódico São Paulo Medical Journal/Evidence for Health Care, volume 131, edição número 1, de janeiro e fevereiro de 2013.

ⁱCirurgião torácico, Instituto do Coração (InCor), Hospital das Clínicas (HC), Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

ⁱⁱProfessor associado do Departamento de Cardiopneumologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP)

ⁱⁱⁱAssistente doutor do Grupo de Transplante Pulmonar do Instituto do Coração (InCor) do Hospital das Clínicas (HC) da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Professor colaborador da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

Global Partnership Network (UGPN), um programa especial de colaboração entre a USP, a britânica University of Surrey e a norte-americana North Carolina State University (NCS) e novos convênios com três importantes universidades estrangeiras: a Universidade de Michigan (Estados Unidos), a Universidade de Oxford (Inglaterra) e a Universidade de Toronto (Canadá).

Se a internacionalização em nosso país ainda é questão embrionária, para as principais universidades do mundo é questão estratégica, vital, que vem sendo bem explorada. O World University Rankings, promovido pela Times Higher Education, que se propõe a listar as melhores universidades de todo o mundo, analisa e pontua positivamente o grau de internacionalização das instituições avaliadas. Como exemplo, Harvard, segunda colocada em 2011-2012, possui cerca de 19% de alunos estrangeiros. Stanford, a terceira colocada em 2011-2012, tem aproximadamente 21% de alunos estrangeiros.² Esse é um dos pontos assinalados para desempenhos mais modestos de nossas universidades em tal *ranking*.

Importante consideração sobre a internacionalização, que pode ter impacto no Brasil, é o fato de que as universidades de fora estão prospectando material humano dentro do Brasil: Yale, Princeton e Harvard são alguns dos exemplos. Ao que tudo indica, esse interesse é recíproco: cada vez mais alunos brasileiros têm procurado oportunidades em instituições renomadas de fora do país. A Universidade de Columbia, que possui no Brasil alguns escritórios de representação para intercâmbio, entrevistava até 2007 cerca de 20 candidatos por ano; esse número saltou para 60 em 2008 e, em 2011, foram 100 candidatos entrevistados, sendo que, desses, 15 foram selecionados. Isso fez com que 10% dos calouros estrangeiros este ano na Universidade de Columbia fossem brasileiros.

Em 2011, a Reitora da Universidade de Harvard veio ao Brasil na tentativa de firmar parcerias principalmente em áreas estratégicas, como o manejo do meio ambiente. Em 2012, uma delegação da American Association of State Colleges and Universities, entidade que representa mais de 400 instituições de ensino superior norte-americanas, esteve no Brasil na tentativa de ampliar parcerias com as instituições brasileiras.

Como dito por José Marques dos Santos, da Universidade do Porto, a internacionalização “não é um fim só por si, mas um instrumento hoje indispensável para cumprir os objetivos estratégicos que emanam da missão de cada universidade”.

Contudo, nessa internacionalização, o Brasil terá pouco benefício se não aproveitar esse processo para tentar equiparar nossos próprios polos de pesquisa aos dos maiores centros do mundo, gerando inovações e riqueza para o país. Nesse quesito, talvez um bom exemplo a ser seguido seja o da Coreia do Sul, que, em menos de meio século, tirou o país da pobreza e o levou à categoria de potência econômica. Isto só foi possível com um processo inicial de internacionalização, com a ida de muitos cientistas para os Estados Unidos e Europa e o retorno, trazendo na bagagem conhecimento e vontade de inovar.

Enfim, a internacionalização está batendo à porta das universidades brasileiras. É preciso aproveitar e saber como passar por esse processo com sucesso. Traçar estratégias e aplicá-las no menor prazo possível será fundamental para o progresso de nosso país.

REFERÊNCIAS

1. Krawczyk NR. As Políticas de Internacionalização das Universidades no Brasil: o caso da regionalização no Mercosul [The Policies of Internationalization of the Universities in Brazil: the Case of the Regionalization of the Mercosul]. *Jornal de Políticas Educacionais*. 2008;2(4):41-52. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/jpe/article/viewFile/15027/10075>. Acessado em 2012 (27 Nov).
2. The World University Rankings. World University Rankings 2011-2012. Disponível em: <http://www.timeshighereducation.co.uk/world-university-rankings/2011-12/world-ranking>. Acessado em 2012 (27 Nov).

INFORMAÇÕES

Endereço para correspondência:

Alessandro Wasum Mariani
Rua Treze de Maio, 1.217 – apto 31
Bela Vista – São Paulo (SP) – Brazil
CEP 01327-001
E-mail: alessandro_mariani@hotmail.com

Fonte de fomento: nenhuma declarada

Conflito de interesse: nenhum declarado

Data de entrada: 24 de novembro de 2012

Data da última modificação: 10 de dezembro de 2012

Data de aceitação: 10 de dezembro de 2012